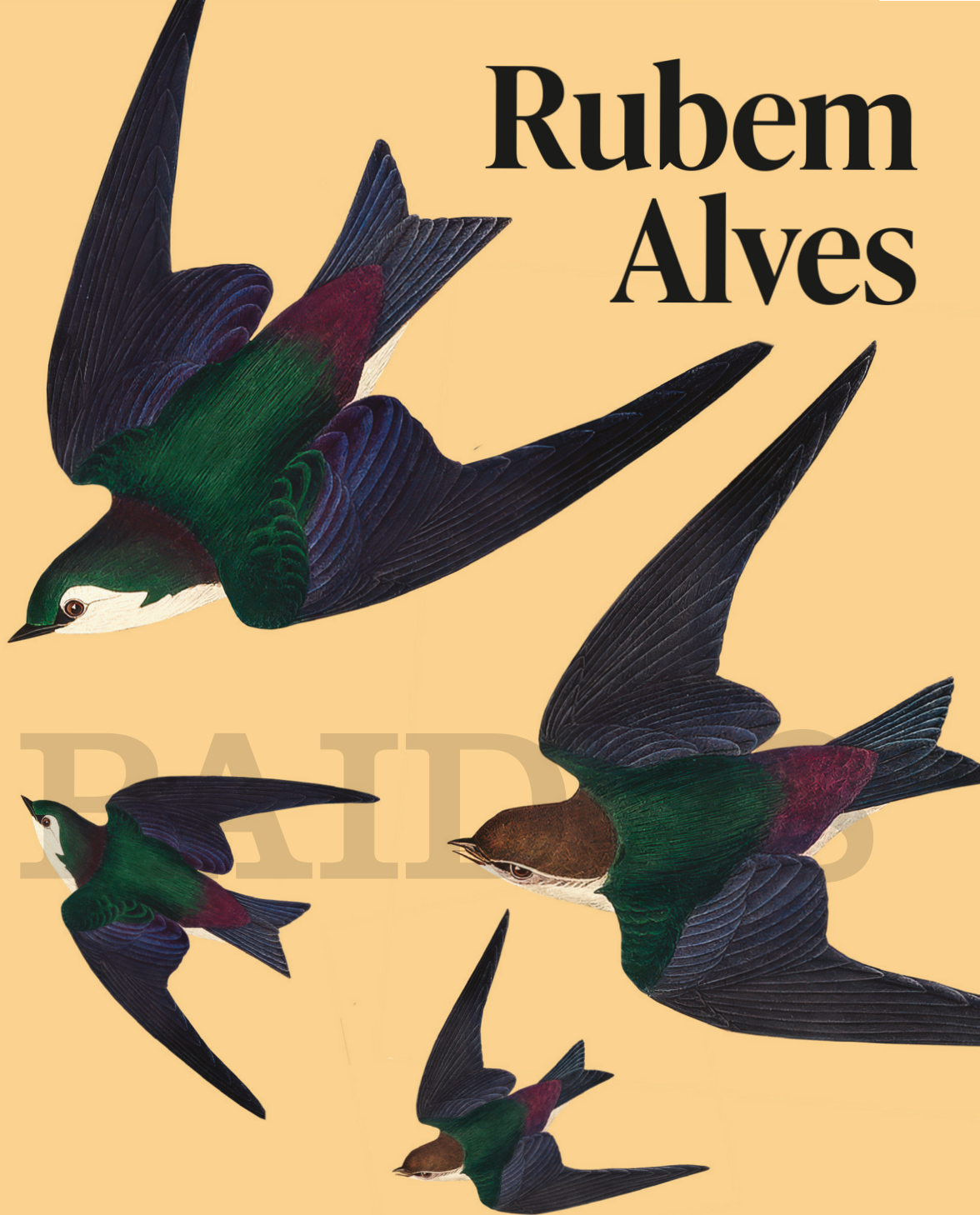


Rubem Alves



A ETERNIDADE NUMA HORA

PAIDÓS

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Rubem Alves

A ETERNIDADE NUMA HORA

2ª edição

PAIDÓS

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Rubem Alves, 2017
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2017, 2025

Todos os direitos reservados.

Revisão: Olga de Mello, Maria Aiko Nishijima e Wélida Muniz
Projeto gráfico e diagramação: Negrito Produção Editorial
Capa: Filipa Damião Pinto (@_filipa) | Estúdio Foresti Design
Ilustração de capa: John James Audubon. Bank Swallow and Violet-green Swallow from Birds of America (1827). University of Pittsburg/Rawpixel
Ilustrações de miolo: Elevelton Reichert

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Alves, Rubem, 1933-2014

A eternidade numa hora / Rubem Alves. – 2. ed. - São Paulo : Planeta do Brasil, 2025.
352 p.

ISBN 978-85-422-3662-0

I. Crônicas brasileiras I. Título

25-1835

CDD B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Crônicas brasileiras



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2025

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação

São Paulo-SP – CEP 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

SUMÁRIO

Prefácio

II

LIVRO I. *Um mundo num grão de areia*

O feitiço de Áquila

17

Sobre deuses, pássaros e gaiolas

22

Sobre o sofrimento e sobre a felicidade

27

Tenho medo

32

O pai

37

Um cravo branco na lapela

44

Uma árvore para Ladon Sheats

49

Sobre os prazeres do futebol

54

A solidão amiga

57

A arte de viajar

64

A imagem do rosto

70

O vitral

73

O cachimbo

78

Carta a um drogado

81

Gente que ninguém leva a sério	86
A ciência no divã	90
Os lobos	94
Um colo que nos acolha	98
As duas imagens	101
Sobre a bagunça	105
Fui andar pelo Jardim do Amor	111

LIVRO II. O infinito na palma da sua mão

PARTE 1. Infinito: reflexo perfeito da liberdade

Bolhas de sabão	116
Sobre deuses e rezas	121
Palavra de grande inquisidor	125
Balança de pesar almas	130
Sobre a espiritualidade	134

PARTE 2. Infinito: possibilidade vital nos relacionamentos humanos

“Su cadáver estaba lleno de mundo”	141
Ao Carlos Rodrigues Brandão, meu amigo	147
Minha herança	152
Para Raquel...	157
Liturgia I	162

PARTE 3. Infinito: espelho pensante do universo

A despeito das pedras, as plantas florescem	167
Morangos à beira do abismo	173

Sobre o que falam as estrelas?	179
A doença e a cura	183
A câmara das torturas	186

PARTE 4. Infinito: imposição criativa da arte e do divino

Natal não é para criança	191
Dona Jenny	196
Espiritualidade	201
Confissões de um protestante obstinado	206
Receita para milagre	212

LIVRO III. Um céu numa flor silvestre

PARTE 1. A beleza que o divino revela

A beleza paradisíaca	220
Pedras de moinho	225
O afogado	229
Esquecer de Deus	233
Esquecer para lembrar	238

PARTE 2. A beleza que as artes exaltam

Os agraciados	243
Nelson Freire	248
Livros que dão alegria	252
Dalí	258
O anjo flautista	263

PARTE 3. *A beleza que a natureza enaltece*

Os ipês amarelos	270
Amaromar	274
Piracema ou piração?	279
Araucárias e eucaliptos	282
Assombros	286

PARTE 4. *A beleza que os homens compartilham*

Nossas verdades são só palpites	294
Envelhecendo junto ao mar	300
Estórias de princesinhas	305
Antigamente era mais alegre	310

PARTE 5. *A beleza que o homem cria e descobre*

Tornei-me um contador de estórias	317
O caminho que não leva a nada	326
<i>A festa de Babette</i>	331
Sobre cavalos mansos e unicórnios	336
Pipocas e piruás	341
Lista de músicas	345

O FEITIÇO DE ÁQUILA

O nome do filme é *O feitiço de Áquila*. Faz muito tempo que o vi. Mas não me esqueci.

Ele, guerreiro, cavalgava um cavalo negro. Seus olhos eram tranquilos, seu rosto era triste, seus cabelos eram dourados como a luz do Sol, e a sua voz só se ouvia depois de longos silêncios.

Ela era diáfana como a Lua, seus cabelos eram negros como a noite, e a sua voz era mansa como a luz das estrelas.

Eles muito se amavam. Seu amor era belo.

Vivia naquela terra um feiticeiro que manipulava os poderes do mal. Ele a viu e se apaixonou por ela. Quis tê-la para si mesmo. Mas ela amava o guerreiro e se escondeu dos olhos do feiticeiro. Este, enfurecido, lançou sobre os amantes um feitiço: estariam condenados, pelo resto dos seus dias, a nunca se tocarem. A mulher seria como a Lua. Só apareceria à noite, depois de o Sol se pôr. Durante o dia, ela seria um falcão, com bico e garras de rapina. O guerreiro seria como o Sol. Só apareceria durante o dia, depois de o Sol nascer. Durante a noite, ele seria um lobo negro.

E assim aconteceu. Durante o dia, o guerreiro cavalgava seu cavalo negro, levando no ombro sua amada, sob a forma de falcão. Vez por outra, o falcão alçava voo, subia até as alturas e, de repente, com um pio estridente, mergulhava como uma flecha para pegar alguma presa. Durante a noite, a mulher ficava ao lado do seu amado, lobo negro, que se deitava aos seus pés e lambia suas mãos. Vez por outra, ele se levantava e entrava sozinho na floresta escura, para viver a sua vida de lobo.

Mas havia um breve momento encantado quando eles quase se tocavam. Ao pôr do Sol, quando a luz do dia se misturava com o escuro da noite, era o momento mágico: o falcão voltava a ser mulher e o guerreiro se transformava em lobo. Ao nascer do Sol, quando o escuro da noite se misturava com a luz do dia, o lobo voltava a ser o guerreiro e a mulher se transformava em falcão. Nesse brevíssimo instante os dois apareciam um ao outro como sempre tinham sido e eles viam, então, por um segundo, a beleza do seu amor. Suas mãos se estendiam, uma querendo tocar a outra – mas o toque era impossível.

Antes que as mãos se tocassem, a metamorfose acontecia e as imagens fugiam.

O guerreiro amava o falcão. Ele sabia que dentro do falcão vivia sua amada de voz mansa. Mas vivia encantada, adormecida. Dela, o que ele tinha era apenas a ave muda, mergulhada no silêncio do seu mistério. Ele acariciava suas penas – mas um falcão não é uma mulher. O falcão não era a sua amada. Ele a carregava na pequena esperança do momento encantado e na grande esperança de que, um dia, o feitiço fosse quebrado.

A mulher amava o lobo. Ela sabia que dentro do lobo vivia o guerreiro de olhos profundos que ela amava. Mas vivia encantado, adormecido. Dele, ela só tinha os olhos mergulhados no silêncio do seu esquecimento. Ela acariciava seu pelo negro –

mas um lobo não é um homem. O lobo não era o guerreiro que ela amava. Ela o acariciava na pequena esperança do momento encantado e na grande esperança de que, um dia, o feitiço fosse quebrado.

O amor pode muito. Ele é divino. Pode mais que todos os feitiços. E aconteceu que, um dia, depois de uma luta horrenda, o feiticeiro foi morto, e o feitiço, quebrado. E o guerreiro voltou a ser o guerreiro que sempre fora, e a mulher voltou a ser a mulher que sempre fora. E as mãos puderam se tocar e tudo foi alegria e eles se casaram e viveram felizes para sempre...

O filme é lindo. Minha experiência mais funda, vendo *O feitiço de Áquila*, foi a de beleza. E a beleza tem um efeito embriagante. Quando a alma é tocada por ela, a cabeça não faz perguntas. Tudo é êxtase, encantamento. Mas, passado o êxtase da beleza – pois que ele não pode durar sempre –, minha cabeça foi possuída pela curiosidade psicanalítica. E começou a perguntar: “Essa beleza, de que ferida nasceu?”. Pois a beleza sempre nasce de feridas. As feridas a produzem para que a sua dor seja suportável.

Ela nasceu da dor do amor. Aquele que escreveu a estória sofria. Sofria porque o seu amor era igual àquele momento quando o Sol nascia e quando o Sol se punha: infinitamente belo, insuportavelmente efêmero. Efêmero porque logo a mulher amada se transformava em falcão. Efêmero porque logo o homem amado se transformava em lobo. Mas é precisamente isto que os apaixonados não suportam: o efêmero. A paixão só se contenta com o eterno.

As escolhas dos símbolos não são gratuitas. Na alma nada é gratuito. Tudo faz sentido. O autor poderia ter escolhido uma pomba, ave mansa, que se parecia com a mulher amada. Poderia ter escolhido um unicórnio branco, animal manso com um co-

ração apaixonado. Mas não. Escolheu um falcão e um lobo, animais selvagens, ferozes, matadores. Que coisa mais estranha que aquele momento efêmero de amor manso fosse logo destruído pelo selvagem que mata!

Ah! Isso não era possível! A vida não pode ser assim! Como explicar que o amor, tão forte, seja assim tão frágil? Como explicar a força do lobo e do falcão? Como explicar o poder da morte? (O amor está sempre em luta com a morte!) Esse é, talvez, o mistério maior da condição humana. Freud tentou decifrá-lo e fracassou. Como explicar a metamorfose das imagens? De repente o amante, de cabelos dourados como o Sol, se transforma no lobo negro como a noite. De repente a voz da amante, suave como a luz das estrelas, se transforma no pio do falcão, perfurante como a faca. Ah! Como explicar isso, que o tempo do amor seja tão curto e o tempo do selvagem seja tão longo? O amor tem de ser mais forte que a morte. O amor tem de ter um destino de felicidade permanente. Um amor assim, tão belo e tão efêmero, é trágico. Mas o amor não suporta um final trágico.

E aí entra em cena o escritor, que escreve para dar um final feliz à tragédia. Tudo só pode ser produto de feitiçaria. A feitiçaria entra na estória para salvar o amor, para dizer que o lobo e o falcão são intrusos, que eles não pertencem à estória, que foram ali colocados por um feiticeiro malvado, que eles terão de ir embora. Se não fosse o feitiço do bruxo, os amantes estariam juntos para sempre! O amor no seu momento belo e efêmero – vive da esperança “de tudo se arranjar”. A estória tem de ter um final feliz. O amor quer chegar à paz.

A estória, assim, se divide em três partes. A primeira conta do momento belo do amor e da sua realidade efêmera, logo invadida pelo lobo e pelo falcão – selvagens. Essa parte da estória descreve a realidade. A segunda parte é uma explicação,

uma hipótese para desvendar o mistério: que o selvagem invada o amor – isso é obra de feitiçaria. Na terceira parte se encontra a solução sonhada: no fim, será o amor sozinho, sem lobos e falcões, e o momento efêmero infinito enquanto dura! – que se transformará num abraço eterno. Esse final feliz é literário, palavras – mentiroso.

Na estória de amor não tem um final feliz. O casamento não é a eternalização do amor. A paz nunca é atingida. O lobo e o falcão não são criações da feitiçaria. Todos somos amantes e lobos, amantes e falcões. Lobos e falcões jamais desaparecem. Eles são eternos. Eles moram dentro de nós.

Será possível, então, um triunfo do amor? Sim. Mas ele não se encontra no fim do caminho. Ele se encontra no meio do caminho: não na partida, não na chegada, mas na travessia. O amor triunfa quando ele é capaz de abraçar o lobo e o falcão. Quando o amor abraça o lobo e o falcão, eles deixam de ser selvagens destruidores e passam a ser – se não amigos – pelo menos companheiros. Parafraseando Rilke: “Conter o selvagem, o selvagem inteiro, sem perder a doçura – isso é inefável!”.

Mas pode ser que o amor se vá e que o momento efêmero não mais apareça quando o Sol nasce e quando o Sol se põe. Então o lobo se revela como fera e o falcão como ave de rapina...

Quando isso acontece, é hora de dizer adeus...

SOBRE DEUSES, PÁSSAROS E GAIOLAS

Não tenho religião. Não vou a igrejas, não participo de rituais, não acredito nos seus dogmas. Preciso não ter religião para amar a Deus sem medo, com alegria e, principalmente, sem nada pedir. Não tenho religião porque não concordo com as coisas que elas dizem de Deus. Deus é um Grande Mistério. Está além das palavras. Diante do Grande Mistério a gente emudece. Fica em silêncio. Discordo a partir do pronome “ele”. Deus “ele”, masculino? Onde foi que aprenderam sobre o sexo de Deus? Deus tem sexo? Se tem sexo, por que não “ela”, Deus mulher? Como a mulher de *Cântico dos cânticos*? A Igreja Católica não conhece a mulher. Conhece apenas a mãe que foi mãe sem ter sido mulher. Deus: por que não uma flor, a mais perfumada? Por que não um mar sem fim onde a vida navega? Místicos houve que disseram que Deus é uma criança que nos convida a brincar... Mas pode ser também que Deus seja música, como pensaram os místicos pitagóricos.

Ter uma religião é falar as palavras sagradas daquela religião e acreditar nelas. As religiões se distinguem e se separam: pe-

las diferenças das palavras que usam para se referir ao sagrado. Se elas nada falassem, se houvesse apenas o silêncio diante do Grande Mistério, a Babel das religiões não existiria. Diante do Grande Mistério apenas uma palavra é permitida: a palavra poética, porque a poesia não o diz, mas somente aponta para ele. O Grande Mistério está além das palavras.

Se tenho uma religião, ela se chama poesia. Por isso, amo Cecília Meireles, sacerdotisa profana, que, quando queria se referir a Deus, falava sobre um mar sem fim, misterioso e selvagem. Quem em silêncio contempla o mar sem fim ouve vozes em meio ao barulho das ondas. Também Fernando Pessoa sabia disso. E Cecília Meireles sabia que, prestando bem atenção, é possível ver, a voar sobre o mar sem fim, um pequeno pássaro que canta:

Leve é o pássaro:
e a sua sombra voante,
mais leve.
E a cascata aérea
de sua garganta,
mais leve.
E o que lembra, ouvindo-se
deslizar seu canto,
mais leve...

Os poetas escrevem em transe: não sabem sobre o que estão escrevendo. Faz muitos anos, escrevi um livro para minha filha. Ela tinha quatro anos. Eu iria fazer uma demorada viagem pelo exterior, e ela ficou com medo de que eu morresse e não voltasse. Apareceu-me, então, uma estória: *A menina e o pássaro encantado*. Resumida, era assim...

* * *

“Era uma vez uma menina que amava um pássaro encantado que sempre a visitava e lhe contava histórias, o que a fazia imensamente feliz. Mas sempre chegava um momento em que o pássaro dizia: ‘Tenho de ir...’ A menina chorava porque amava o pássaro e não queria que ele partisse. ‘Menina’, disse-lhe o pássaro, ‘aprenda o que vou lhe ensinar: eu só sou encantado por causa da ausência. É na ausência que a saudade vive. E a saudade é um perfume que torna encantados a todos os que o sentem. Quem tem saudades está amando. Tenho de partir para que a saudade exista e para que eu continue a amá-la e você continue a me amar...’ E partia. A menina, sofrendo a dor da saudade, maquinou um plano: quando o pássaro voltou e lhe contou histórias e foi dormir, ela o prendeu numa gaiola de prata, dizendo: ‘Agora ele será meu para sempre’. Mas não foi isso que aconteceu. O pássaro, sem poder voar, perdeu as cores, perdeu o brilho, perdeu a alegria, não mais tinha histórias para contar. E o amor acabou. Levou tempo para que a menina percebesse que ela não amava aquele pássaro engaiolado. O pássaro que ela amava era o pássaro que voava livre e voltava quando queria. E ela soltou o pássaro, que voou para longe.”

* * *

A história termina na ausência do pássaro e a menina se enfeitando para a sua volta. Minha intenção, ao escrever, era simples: consolar a minha filha. Mas, quando esta história foi publicada, ganhou um sentido que não estava nas minhas intenções: começou a ser usada em terapia, com casais possuídos pela ilusão de que, engaiolado, o amor seria posse eterna... Desde então passei

a presentear noivos com uma gaiola da qual eu arrancava a porta. Mas, passado algum tempo, uma pessoa me disse: “Que linda história você escreveu sobre Deus!”. “Sobre Deus?”, eu perguntei sem entender. “Sim”, ela me respondeu. “O Pássaro Encantado não é Deus? E as gaiolas não são as religiões nas quais tentam aprisioná-lo?” Aprendi, então, da minha própria história, algo que não sabia: Deus como um pássaro encantado que me conta histórias. Amo o pássaro. Odeio as gaiolas.

O Pássaro Encantado não pousa em galhos para cantar. Não é possível fotografá-lo. Canta enquanto voa. Dele, o que temos é apenas a sua leve sombra voante e a cascata aérea de sua garganta... Quando ouço o seu canto, ele já passou. Só é possível vê-lo em seu voo, por trás. Vai-se o pássaro. Fica a memória do seu canto.

Um pássaro voando é um pássaro livre. Não serve para nada. Impossível manipulá-lo, usá-lo, controlá-lo. Pássaro inútil. E esse é, precisamente, o seu segredo: a sua inutilidade – ele está além das maquinações humanas. Sua única dádiva é o seu canto. Só faz um milagre, um único milagre, quando, chorando, lhe peço: “Passa de mim esse cálice”, ele canta, e o seu canto transforma a minha tristeza em beleza. Por isso eu nada lhe peço. Sei que ele não atende a pedidos. O seu canto me basta: ao ouvi-lo, transformo-me em pássaro. E voa com ele...

Mas aí vêm os humanos com as suas arapucas e gaiolas chamadas religiões. E cada uma delas diz haver conseguido prender o Pássaro Encantado em gaiolas de palavras, de pedra, de ritos e de magia. E cada uma delas afirma que o seu pássaro engaiolado é o único Pássaro Encantado verdadeiro...

Por que prenderam o pássaro? Porque o seu canto não lhes bastava. Não lhes bastava a beleza. Na verdade, não o amavam. O que os homens desejam não é a beleza de Deus. O que eles dese-

jam é manipular o seu poder. O que eles querem é o milagre. O canto do pássaro poderia lhes dar asas para voar. Mas não é isso que querem. O que desejam é o poder do pássaro para continuar a rastejar: Deus, transformado em ferramenta. Ferramenta é um objeto que se usa para se atingir um fim desejado. Assim são os martelos, as tesouras, as panelas... O que as religiões desejam é transformar Deus em uma ferramenta a mais. A mais poderosa de todas. A ferramenta que realiza os desejos. Como o gênio da garrafa. Pois não é isto que é o milagre: a realização de um desejo por meio da manipulação do sagrado? Só é canonizada santa a pessoa que realizou milagres: o milagre é o atestado do seu poder para manipular o divino.

E é assim que as religiões se multiplicam, porque os desejos humanos não têm fim, e os seus santuários se enchem de santos de todos os tipos, os santos milagreiros são nossos despachantes espirituais, todos eles a serviço dos nossos desejos, atenderão nossos desejos a preço módico se rezarmos a reza certa e prometemos publicar o milagre em jornal, e pela televisão se anunciam fórmulas, sessões de descarrego, águas bentas milagrosas, exorcismo de demônios, os DJs de cada religião têm uma música na fala que lhes é própria...

Assim, a poesia do canto do Pássaro Encantado se transforma em manipulação do pássaro engaiolado. E não percebem que aquele pássaro que têm dentro de suas gaiolas não é o Pássaro Encantado, que não se deixa engaiolar, porque é como o vento, e voa como quer, e tem uma única dádiva a oferecer aos humanos: a beleza do seu canto.

À transformação da poesia em manipulação milagreira – os profetas lhe deram o nome de idolatria.